

CAPITALISMO FINANCEIRO, GLOBALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

OSÉIAS SOARES FERREIRA¹, ZULEICA CRISTINA MIZAEEL VICENTE²

¹Mestrando em Educação, pelo departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP; Graduado em História pelas Faculdades DOCTUM; Graduado em Pedagogia pela Faculdade do Noroeste de Minas Gerais. Professor do Instituto Federal do Amapá, campus Porto Grande – AP. email: oseias.ferreira@ifap.edu.br.

²Mestranda em Educação, pelo departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP; Graduada em Gestão Empresarial pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo – campus Mococa. Bolsista da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). email: zig_zu@hotmail.com

1. RESUMO

Nossa intenção neste texto é descrever a partir da financeirização da economia e da globalização e os efeitos do capitalismo financeiro no mundo do trabalho. Nesse sentido, destacamos as características do capitalismo em sua fase atual e sua influência nas relações trabalhistas. A sustentação teórica do presente texto está embasada na principal obra de Karl Marx – O capital, Crítica da Economia Política e nos estudos de Antunes (2010), Boltanski (2009), Gorz (2005), Harvey (2010) e Leite (1994/2004/2014). Optamos por utilizar o recorte espaço – temporal, entendendo o capitalismo a partir da crise econômica do final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, sua transformação a partir daí, bem como as implicações no mundo do trabalho.

Palavras – Chave: Capitalismo financeiro; Globalização; Mundo do Trabalho.

FINANCIAL CAPITALISM, GLOBALIZATION AND CHANGES IN THE WORLD OF WORK

2. ABSTRACT

Our intention in this paper is to describe from the financialization of the economy and the effects globalization of financial capitalism in the working world. In this sense, we highlight the characteristics of capitalism in its current phase and its influence on labor relations. The theoretical support of this paper is grounded on the main work of Karl Marx – *A Critique of Political Economy* and Antunes studies (2010), Boltanski (2009), Gorz (2005), Harvey (2010) and Leite (1994/2004 / 2014). We chose to use the clipping space - time, understanding capitalism from the economic crisis of the late 1960s and early 1970s, its transformation from there, as well as the implications for the world of work.

Key-words: financial capitalism; globalization; world ofwork.

3. INTRODUÇÃO

Nessas últimas décadas o mundo vivenciou uma crise sem precedentes no mundo do trabalho em que grande parte dos direitos conquistados pelos trabalhadores foram dizimados pelo modo de produção capitalista imposto pelas superpotências, sobretudo pelos Estados Unidos da América (EUA) apoiados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). O capitalismo, sob muitos aspectos, é um sistema absurdo: os assalariados perderam a propriedade do resultado de seu trabalho e a possibilidade de levar uma vida ativa fora da subordinação. Quanto aos capitalistas, estão presos a um processo infundável e insaciável, totalmente abstrato e dissociado da satisfação de necessidades de consumo, mesmo que supérfluas. (BOLTANSKI, 2009, p. 38).

Segundo Harvey (2010) o capitalismo industrial encerra seus “Anos Dourados¹” no final da década de 1960 e início da década de 1970, devido às crises do sistema bancário, a queda na taxa de lucro, os altos índices de inflação e um significativo aumento no valor da matéria prima. Dessa forma, o capitalismo passa por um período de transição, chegando ao século XXI na forma de capital financeiro, com uma hegemonia mundializada, complexa e em crise constante.

A partir da década de 1970, essa nova roupagem do capitalismo é configurada pelos processos de globalização dos mercados de trabalho, pela intensificação dos fluxos internacionais do capital e pelos processos de financeirização da economia (HARVEY, 2010).

É consenso entre os estudiosos do capitalismo financeiro que na contemporaneidade se evidencia um processo de mundialização da economia, no qual o capital financeiro tem se expandido muito além dos limites nacionais, ocasionando a desregulamentação das economias locais em detrimento de uma acumulação constante em escala mundial.

A *mais-valia*², neste cenário assume uma nova forma, onde vigora a regra do “dinheiro gerando dinheiro”, contrária à lógica anterior da utilização da matéria prima, produção(trabalho) e comercialização de mercadorias. Harvey (2010) define este processo como acumulação por espoliação, na qual a maior parte do lucro que é obtido pelo que é

¹ O capitalismo desse período funcionava a partir do fordismo-keynesianismo que adotava “um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico”. (HARVEY, 2010, p.119)

² “A mais-valia[C] (mais-valor), ou em outras palavras, a valorização do capital adiantado [C], apresenta-se, de início, como excedente do valor do produto sobre a soma de valor de seus elementos de produção. Esse capital [C], decompõe-se em duas partes: uma quantia de dinheiro c, gasta com meios de produção, e uma quantia v, gasta com força de trabalho; c representa a parte do valor transformada em capital constante e v a parte transformada em capital variável. Originalmente, portanto, C:c+v... Ao final do processo de produção, resulta uma mercadoria cujo valor é: (c+v)+m, onde “m” representa a mais-valia (mais-valor). Karl Marx, O Capital, 2013, pg 289.

produzido e comercializado por meio de aplicações no mercado financeiro e não é reinvestido na produção, mas expropriado pelos setores financeiros, promovendo transformações substanciais no mundo do trabalho também em escala mundial.

No entanto, esta fase transicional do capitalismo contemporâneo também se caracteriza por constantes crises estruturais e, neste processo de mundialização, financeirização e flexibilização do capital, como propõe David Harvey (2003), em sua explicação do ajuste do espaço-temporal, onde expõe de forma clara essa tendência do capitalismo de procurar sempre novos espaços para exploração.

4. TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

O mundo do trabalho sofreu uma significativa mudança, no final do século XX e início do século XXI, devido à nova configuração do capitalismo, em sua versão neoliberal, financeirizada e globalizada, pois uma série de mudanças ocorrem nos meios de produção para atender às novas regras do capital.

Em uma busca incessante por lucros, o capital financeiro investiu fortemente contra o mercado de trabalho e transferiu parte de suas atividades para países onde não existe nenhum tipo de proteção do trabalho, das relações e direitos. Mercados onde as relações laborais eram mais frágeis/precarizadas.

Nesse sentido, países de economia periférica³, que já são fragilizados em sua estrutura política e econômica, submetem-se às condições impostas pelas superpotências e afundam em crises, que dentre outras consequências, coloca a classe trabalhadora⁴ em condição de extrema dificuldade para tentar fazer valer seus direitos.

Leite (1994), em seu livro “O futuro do trabalho”, explica que “duas questões despontam como fundamentais para a superação da crise [do capital]: a procura de novas formas de garantia dos ganhos da produtividade e a flexibilidade da produção, como meios de adaptar o aparelho produtivo às novas exigências do mercado, que se tornaria mais instável e competitivo com o aprofundamento da crise”. (LEITE, 1994, p. 83). Dessa forma, as novas

³Para melhor compreensão, ver Leon Trotsky, que por meio do conceito de Desenvolvimento Desigual e Combinado explica a relação de dependência entre os países periféricos e centrais. Para compreender melhor a situação brasileira frente ao capitalismo central, ver: Revolução Burguesa no Brasil (1976) e Capitalismo dependente e relações sociais na América latina (1975) (Florestan Fernandes).

⁴Não é nossa intenção discutir aqui o conceito de classe trabalhadora.

tecnologias foram introduzidas nas fábricas, flexibilizando espaço e expandido o próprio espaço produtivo.

Leite (1994) prossegue dizendo que a resposta do capital aos dois desafios apresentados não se limitará a introdução de novas tecnologias nas fábricas, mas também a aplicação de novas formas de organização do processo de trabalho, substituindo o tipo de controle instituído pelo taylorismo por novas formas de controle social.

As transformações no modo de produção, provocadas para atender às necessidades postas pelo capital financeiro, mundializado e em crise, fizeram com que surgisse no cenário contemporâneo – últimas décadas do século XX e limiar do século XXI – o novo mundo do trabalho e um novo perfil de trabalhador⁵.

Leite (2004) cita que à medida que as grandes empresas terceirizam partes de seu processo produtivo, o trabalho é também transferido a empresas em geral menores, que se dedicam a parcelas mais simples do processo de produção, nas quais as condições de trabalho e relações de emprego tendem a ser mais precárias.

Esta roupagem imposta no mundo do trabalho contemporâneo faz surgir um trabalhador polivalente e flexível, porém precarizado no que tange às leis trabalhistas, e o surgimento de um expressivo número de mão de obra feminina, principalmente nos países avançados. Digno de nota, a inclusão criminosa de crianças nos espaços de trabalho, principalmente nos países subdesenvolvidos. Percebe-se, também, a inclusão de negros em trabalhos cada vez mais precarizados e a sua exclusão dos postos de trabalho mais seguros, melhor remunerados e de maior *status*.

Assentados nas determinações do espírito do capitalismo, ou seja, a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo (BOLTANSKI, 2009) os detentores dos meios de produção procuram ampliar seus ganhos à custa da degradação das condições de trabalho, quais sejam: prolongamento da jornada, redução de salários e benefícios e terceirizações.

Essa nova forma imposta pelo capital exige do trabalhador a capacidade de adaptar-se, o investimento contínuo em formação e transfere para ele a culpa pelo desemprego. A busca constante por conhecimento passa a ser condição necessária para que o trabalhador mantenha-se na condição de vendedor de sua força de trabalho para o capital. É necessário a internalização das regras da corporação. Mais do que um trabalhador que vende sua força de trabalho, a necessidade primeira é que a ideia de motivação prevaleça e que o funcionário “vista a camisa da empresa” e incorpore sua missão, visão e valores, pois disto depende a

⁵ Neste texto adotaremos “trabalhador” (substantivo masculino), conforme a definição do dicionário Aurélio da língua portuguesa, fazendo referência aos trabalhadores e trabalhadoras.

qualidade de seu trabalho, “toda produção, de modo cada vez mais pronunciado, se assemelha a uma prestação de serviços”. Conforme destacou Gorz (2005, p. 09).

O trabalhador passou a ser o único responsável por assegurar seu nível de empregabilidade, deve manter-se atualizado, capaz, e apto a ocupar os postos de trabalho que o mercado vier a lhe ofertar. “A pessoa deve, para si mesma, tornar-se uma empresa; ela deve se tornar, como força de trabalho, um capital fixo que exige ser continuamente reproduzido, modernizado, alargado, valorizado”. (GORZ. p. 23). E acrescenta ainda nesse sentido que nenhum constrangimento lhe deve ser imposto do exterior, ela deve ser sua própria produtora, sua própria empregadora e sua própria vendedora, obrigando-se a impor a si mesma os constrangimentos necessários para assegurar a viabilidade e a competitividade da empresa que ela é (GORZ, 2005).

Em termos práticos, o cenário no qual se encontra o mundo do trabalho é o de grande número de trabalhadores desempregados, sem perspectivas de retorno ao mercado formal de trabalho. Muitos buscam sua sobrevivência no mercado informal, crescendo assustadoramente o número de trabalhadores autônomos, domésticos, dentre outras categorias de trabalhadores do setor informal.

5. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E EXCLUSÃO SOCIAL DO TRABALHADOR

Conforme supracitado, a partir do final dos anos 1960 e início dos anos de 1970, em razão de um conjunto de crises no setor econômico, o capital iniciou um processo de reestruturação com o objetivo de recuperar seu padrão de acumulação e hegemonia no espaço produtivo, surgia o capitalismo na sua versão mundializada ou financeira, tendo o neoliberalismo como proposta globalizante.

Foi neste contexto que o capital globalizado, redesenhou novas e velhas modalidades de trabalho, com o objetivo de recuperar as formas econômicas, políticas e ideológicas da dominação burguesa. Boltanski (2009) analisa essas novas formas de organização da Grande Empresa⁶ e descreve que várias inovações surgem no período. Entre elas se destacam: empresas enxutas que trabalham em rede com uma multidão de participantes, uma organização do trabalho em equipe orientada para a satisfação do cliente e uma mobilização geral dos trabalhadores graças às orientações de seus líderes.

⁶Aqui grande empresa esta sendo utilizado como sinônimo de Capital segundo Boltanski, 2009.

A expressão empresa enxuta reúne em si o conjunto dos novos métodos de produção, em parte extraídos das empresas japonesas, entre os quais podemos citar os princípios organizacionais: *just in time*, qualidade total, Kanban, Círculos de controle de qualidade (CCQ) entre outros. A empresa enxuta perdeu grande parte dos seus escalões hierárquicos, além de desempregar camadas hierárquicas inteiras. Ela também se desfez de um grande número de funções e tarefas, terceirizando o que não fizesse parte do núcleo de sua atividade (BOLTANSKI; CHIAPELLO, op. cit.). Essas inovações apresentadas pelo autor evidenciam no cenário atual um crescente volume de trabalhos precarizados, bem como de trabalhadores socialmente excluídos.

Nesse novo cenário produtivo é necessário formar operadores que compreendam o processo de produção e que prevejam e façam um diagnóstico, recorram rapidamente aos técnicos superiores em caso de necessidade. A responsabilidade dos operários quanto ao bom estado da maquinaria tornou-se economicamente importante. Por isso, os níveis de qualificação exigidos são mais elevados para os que adentram no mercado de trabalho. Os programas internos de formação das empresas buscam dar treinamentos para que os veteranos evoluam. No entanto, caso essa evolução não aconteça, a empresa julga esses trabalhadores como inadotáveis e os demitem (BOLTANSKI; CHIAPELLO, op. cit.).

6. CONCLUSÃO

Face ao capitalismo contemporâneo, destarte a realidade do trabalhador principalmente o trabalhador brasileiro, não é difícil chegar à conclusão de que este modelo de trabalho flexível, empresa enxuta e terceirizada tem feito com que a perda de direitos e garantias sociais para os trabalhadores cresçam vertiginosamente.

Ainda que, por um espaço reduzido de tempo alguns países tenham passado por uma situação atípica no que se refere à ampliação do acesso a direitos trabalhistas, esse quadro foi rapidamente modificado por políticas de arrocho salarial e retrocessos na legislação trabalhista em prol de manter o equilíbrio econômico.

No caso do Brasil, entre os anos de 2010 a 2014 a classe trabalhadora experimentou uma situação ímpar no que se refere ao acesso ao emprego formal e a direitos trabalhistas, de acordo com Leite e Salas (2014).

Porém, esse cenário sofreu forte modificação no ano de 2015 com o agravamento da crise político-econômica e a retomada de um projeto de desenvolvimento econômico

ancorado em princípios neoliberais. No quadro atual, direitos conquistados duramente e assegurados pela Constituição de 1988 estão sendo revistos com prejuízos incalculáveis ao trabalhador.

O trabalhador vive dias de incerteza entre o emprego e o desemprego e, a cada hora, menos certeza do reconhecimento jurídico diante das garantias sociais, conquistadas às expensas lutas dos movimentos operários. Segundo Antunes (2010), nessa guerra de desgaste, a força de trabalho é deixada completamente descoberta, seja em relação ao próprio trabalho atual, para o qual não possui garantias, seja em relação ao futuro, seja em relação à renda, já que o Estado neoliberal não o assegura nos momentos de “não ocupação”.

7. REFERÊNCIA

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho.** 14ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BOLTANSKI, L; CHIAPELLO, È. **O novo Espírito do Capitalismo.** São Paulo. Martins Fontes, 2009.

GORZ, A. **O Imaterial. Conhecimento, valor e capital.** Tradução de Celso Azzan Júnior, / André Gorz. São Paulo: Anablume, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2010.

LEITE, M. **O futuro do trabalho.** São Paulo. Página Aberta. 1994.

LEITE, M. (2004) “**Tecendo a precarização: Trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo**”. Trabalho, Educação e Saúde, 2(1): 239/265.

LEITE M; SALAS C. **Trabalho e desigualdades sob um novo modelo de desenvolvimento.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. 06/2014.

MARX, k. 1818-1883. **O Capital: Crítica da Economia Política:** livro I: o processo de produção do capital/ Karl Marx; [tradução de Rubens Enderle]. São Paulo: Boitempo, 2013.

